

SUMÁRIO

Todo artista tem de ir aonde o povo está	8
Capítulo 1 – Pé na estrada	10
Capítulo 2 – Um disco valioso	14
Capítulo 3 – Da janela lateral	19
Capítulo 4 – Papagaio de toda cor	24
Capítulo 5 – Nada será como antes	33
Capítulo 6 – O Vendedor de Sonhos	40
Capítulo 7 – Chaleira! Chaleira! Chaleira!	54
Capítulo 8 – Encontros e despedidas	67
Capítulo 9 – O suspeito	75
Capítulo 10 – Nos bailes da vida	83
Capítulo 11 – Aplausos!	88
Capítulo 12 – Pó, poeira, ventania	94
Capítulo 13 – A grande festa	106
Capítulo 14 – Maria, Maria	118
Capítulo 15 – Travessia	122
Capítulo 16 – Amigo é coisa pra se guardar	126
O universo do Clube da Esquina	132
Agradecimentos	143

TODO ARTISTA TEM DE IR AONDE O POVO ESTÁ

As canções do Clube da Esquina são, para nós, como um abraço. Não há, certamente, nenhum outro movimento musical no mundo que tenha essa capacidade: o abraçar cheio de afeto, que leva ao próprio universo, com tanta intensidade, aqueles que escutam seus representantes. Talvez por isso nós sempre nos deixamos levar por todos eles. Nós nos deixamos levar pelo Milton, pelo Lô, pelo Beto, pelas canções do Fernando, do Márcio, do Ronaldo. Falamos deles assim, tão intimamente, porque, desde a nossa infância, passaram a fazer parte da nossa casa, do nosso rádio, dos nossos toca-discos, da nossa vida.

Foi com esse sentimento de afeto que resolvemos fazer a viagem que aqui está. Assim, buscamos os meninos que estão em nossos corações para dar asas à criatividade. Ouvimos e pesquisamos letras e canções. Criamos um universo para uma história que fosse embalada ao som desse Clube.

Nossa vontade era a de escrever um livro dirigido ao público infantojuvenil, muito retratado e acarinhado pelo movimento, mas que pudesse atingir também os adultos, trazendo, em uma nova proposta

e formato, os valores que as canções do Clube da Esquina envolvem. Da mesma forma, fazer com que as crianças e os adolescentes, orientados por um adulto, pudessem resgatar cada canção, cada composição, cada parte desse tão imenso Clube. Como bem diria seu Borges, o terno avô de nosso protagonista: “Isso é uma coisa que nunca se deve perder!”.

O segredo do disco perdido – Uma aventura ao som do Clube da Esquina se tornou a menina dos nossos olhos. Abraçamos este projeto como se estivéssemos com aqueles meninos que se reuniam na esquina da rua Divinópolis com a rua Paraisópolis, em Belo Horizonte, retribuindo o afeto que nos deram em seus discos. Por causa disso, resolvemos não apenas homenagear os emblemáticos LPs “Clube da Esquina”, volumes 1 e 2, mas também abranger canções de toda a carreira dos componentes desse grupo de amigos.

Assim, esta história foi escrita para ser lida ao som dessas canções. No final do livro você poderá encontrar os nomes das músicas que aparecem na aventura e também detalhes e outras informações sobre o Clube da Esquina. Para nós, este livro trouxe um sentimento tão forte quanto um abraço daquelas canções. Um abraço que queremos dividir com você.

Boa viagem!

Os autores

Capítulo 1

PÉ NA ESTRADA

– Os documentos, por favor.

– Estão aqui! – respondi com segurança. Entreguei a autorização ao guarda, acenei para o meu pai e entrei no ônibus.

Era a primeira vez que eu viajava sozinho. Até então, minha mãe não via com bons olhos aquela história, mas acredito que ela não tinha motivos para isso; afinal eu estava indo para a casa dos meus avós, lá no interior de Minas Gerais. Algo me dizia que aquelas férias seriam bem diferentes.

Sabia, pelo o que meu pai me contava, que eu já estive na cidadezinha quando era pequeno. Talvez por isso me lembrasse muito pouco de lá. Mesmo assim, toda vez que meu avô me ligava, ele contava exatamente como era o lugar em que morava. Falava dos campos, das montanhas, das pessoas que ali viviam, gente de todo tipo, sempre amiga e bacana umas com as outras. As portas abertas, a mesa sempre cheia de comida gostosa, igrejas muito bonitas e histórias bem diferentes das que eu já tinha ouvido. O vovô chamava isso de *causos*.

A viagem era longa, por isso havia separado na minha mochila algumas distrações para o caminho.



Peguei meus gibis preferidos e um livro bem legal que eu estava lendo (um presente de Natal), além de muita música no meu MP3. Aprendi a gostar de música com o meu pai. Ele sempre dizia que com ela a gente viajava longe, para outro lugar, como se estivesse dançando no tempo.

Olhava a paisagem que ia passando. As coisas foram mudando ao longo da estrada. No começo eram prédios e mais prédios. Depois, o céu ficou mais alto, mais aberto. Um bonito gramado tomou conta da margem da estrada e, mais para a frente, começaram a aparecer muitas montanhas. Percebi que estava chegando ao interior.

Quando entramos em Minas, o ônibus fez uma parada. Achei por um instante que já tínhamos chegado, mas não vi nenhum sinal de rodoviária. Era estrada ainda. Olhei pela janela e vi um sujeito bem diferente embarcando. Era um velhinho magro, com uma barbicha e um chapéu enorme. Vestia uma roupa amassada, carregava duas grandes malas e um violão. Achei estranho e um pouco engraçado. De onde ele estaria vindo? Ele sorria para os passageiros, acenando, como se conhecesse todos eles. Procurou um lugar para se sentar e percebi, de repente, que a única poltrona vaga era bem ao meu lado. E foi ali que ele se sentou.

– Muito prazer! – ele me disse.

Respondi, tentando ser simpático também, mas, um pouco envergonhado, logo tratei de pôr meus fones nos ouvidos. Algumas músicas depois, senti alguém me cutucar e levei um susto: era o meu vizinho de banco com um dos meus gibis nas mãos.

– Deve ser seu. Estava no chão.

Agradei com um sorriso e perguntei se ele não gostaria de ler. O velhinho aceitou e completou:

– Você se parece com alguém que eu não sei quem é...

Bom, eu também não sabia.

Logo o ônibus chegou à rodoviária da cidade. Vovô e vovó, cheios de alegria, já estavam na plataforma acenando para mim. Eu quase não estava acreditando: a aventura das minhas férias ia começar.